



# José Mário

José Mário Branco

# Branco

## EM BRANCO

Ouvimo-lo de longe, quando, de Paris, nos enviou recados e notícias de compromisso e exílio. Depois, já connosco, sisudo dirigente político - imagem feita, desfeita e refeita pelo tresloucado poeta de viola em riste, percorrendo estradas e povoando palcos, sem cuidar de cansaço ou conveniência.

Sempre o risco, as ilusões, as certezas, a solidão, as derrotas, as tentativas. De tudo faz música e presença para quem gosta ou não, para quem concorda ou não. Porque não escolhe destinatários do que tem para dizer, vai criando opositores e cúmplices, entre discípulos e mestres, a quem nada cobra.

Para o conhecer basta vê-lo e ouvi-lo com a alma tão nua e cruelmente exposta, sem defesas nem regra que não seja dar-se todo no que ama e acredita. Explodindo em fúria contra o que detesta, embalando ternamente os sonhos de que não se cura, abraçando sem condições as lutas que escolhe. Os cabelos embranquecendo de tanto caminho andado, o bigode farto tardando a embranquecer como aceno divertido do clown trágico que não se leva a si mesmo a sério, de tão sério que é. Ouvir os seus discos é como ler uma autobiografia. Vê-lo em palco é aceitar ser despudoradamente confidente do que ele vai sendo e vivendo.

Para alguns, não o encontrar é pretexto para boatos ou curriculum, o que lhe é indiferente. Para quem conhece a sua obra - e portanto o conhece - é ter notícias dele. Porque as suas ausências são como as pausas que usa nas orquestrações: tempos de respiração, marcação de compasso de um incessante andamento. Coerência, rigor, carácter, coragem, competência, qualidade... nomes que vão dando à respiração diária de não saber ser de outra maneira.

Sectário, moralista, insociável, rígido, fechado, intolerante... nomes que vão dando ao mal estar que sente na vida por sentir que a vida não está bem.

Se esperam que alguém que está mais perto dele vos revele alguma coisa que não conhecem é porque nunca o viram e ouviram com atenção.

Nada se pode revelar dele que ele não revele. Na música, na poesia - únicos lenitivos para a demente angústia em que viceja e em que dá alimento a cada novo passo em que se empenha todo, de cada vez, de novo. Em Branco.

Manuela de Freitas

## À MARGEM DE CERTA MANEIRA

Quem nos condenou a vivermos à margem de nós mesmos? O tempo passa e leva-nos, trazendo o futuro como presente da História.

E lá vamos, à deriva, multidão estupefacta, surda e cega, em sua casa visita, vergada ao peso da memória que lhe disseram ser sua, solto das mãos o fio que a guiava no labirinto em que se tornou.

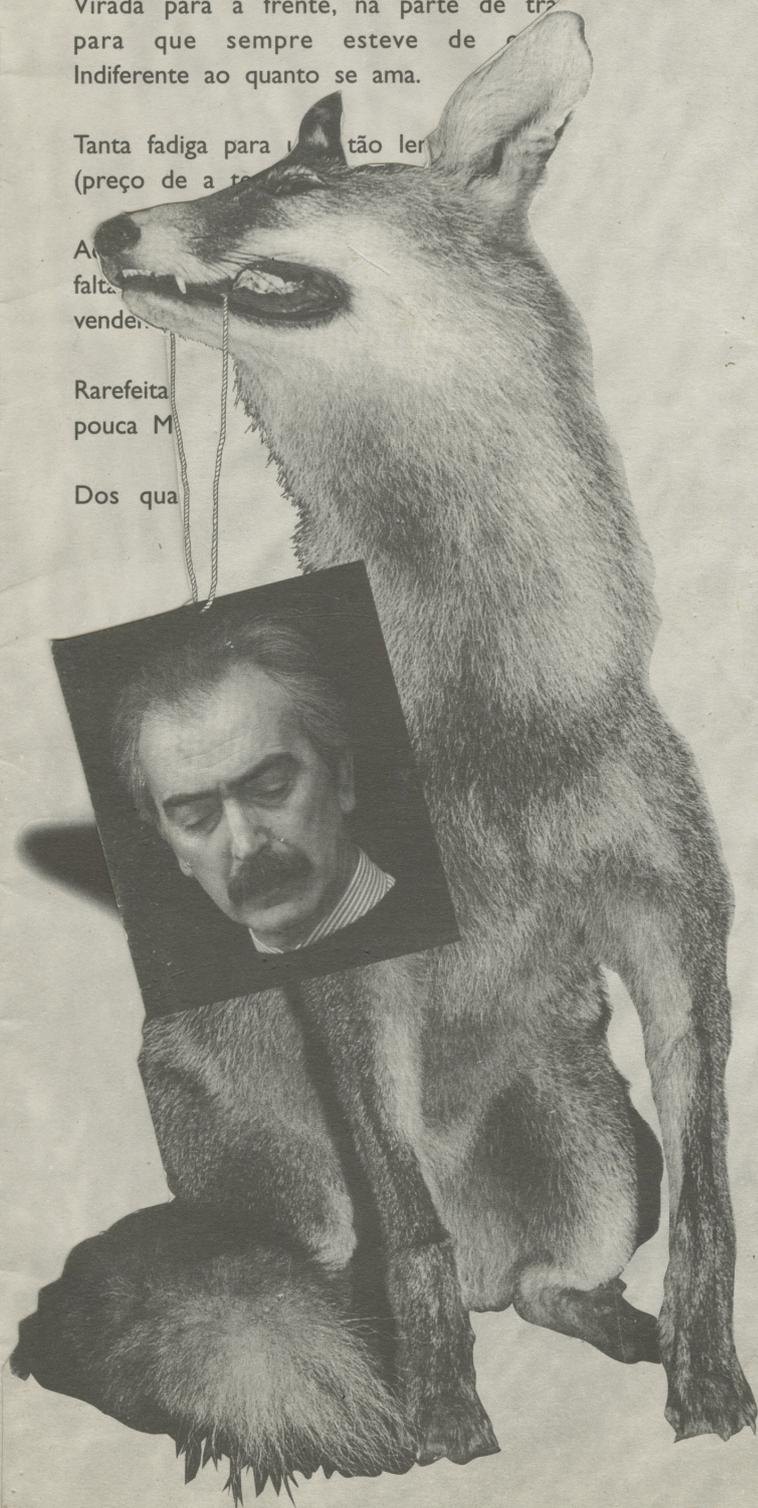
Estranha a si própria e tão consigo. Virada para a frente, na parte de trás para que sempre esteve de frente. Indiferente ao quanto se ama.

Tanta fadiga para ler tão ler  
(preço de a te

A  
falta  
vender

Rarefeita  
pouca M

Dos qua





## RETRATO EM BRANCO E PRETO \*

Olhou-nos pela primeira vez do escuro, num misto de melancolia e espanto. Havia uma gare e um acordeão e sons nunca ouvidos, vindos de longe, desse lugar para onde ele partira. Deixou para trás cantigas de amigo e tentou mudar tempos e vontades. Nessa altura puse-ram-lhe um retrato em branco e preto na capa de um disco. Gostou. E fez dessa a sua imagem, variando-a com os anos: ora um rosto na penumbra, ora uma silhueta negra recortada contra um halo de luz. Quando por cá se acendeu a fogueira da revolução, ele saltou entre as brasas e queimou-se nelas. Queimou garganta e alma mas parecia feliz. E ainda assim estava quando apagaram a fogueira e lhe sopraram as cinzas. Ficou de novo no escuro, desta vez a olhar para si próprio e a ver nele reflectidos os que, incrédulos, formavam uma roda fantasmagórica de sombras e utopias perdidas. Ainda brandiu cravos, mas acabou por abraçar espinhos. Sangrou. E com esse sangue escreveu mais canções. À sua volta, cresciam os lamentos. E ele, que não lhe apetecia lamentar-se, despiu em público as certezas e dilacerou a alma para delírio dos que, temerosos de fazer o mesmo, vingavam no seu despojamento frustrações contidas. Depois descansou sem descansar. Deu sossego à voz e andou por palcos e cenários, a dar corpo a outros corpos. E, de novo, os que não tiveram coragem de o seguir no martírio geracional a que se sujeitou, foram aplaudi-lo, saudá-lo. Saudar o espelho que lhes não reflectia o pudor e a má consciência. Nenhum outro da sua geração ousou, como ele, descer aos infernos da incerteza para ressurgir com a certeza única de que o caminho é em frente, para essa tal luz onde a sombra se recorta, diminuta e frágil. E nenhum como ele, depois do martírio, regressou assim de rosto erguido para o mundo, sem mágoa nem remorso. Amou e desamou, teve filhos e netos, contou os números do calendário e procurou o sabor dos dias perdidos nos dias ainda por ganhar. Depois arrumou a casa e reconciliou-se mansamente com as suas paixões inquietas. Inquietas como ele sempre foi, aqui ou noutro ponto do mundo, olhar posto no universo e nessa tal luz que ilumina em vez de cegar quem a olha. Esse homem está aqui, entre nós. O seu nome é José Mário Branco. 55 anos. Do Porto. Sempre mais vivo que morto. Ainda podem contar com ele para cantar. E para o resto.

Nuno Pacheco

\* Título de um poema de Chico Buarque, destinatário de uma carta-canção de sentido único e resposta muda. O remetente já deixou de estar à espera.

## EM JEITO DE CARTA ABERTA AO JOSÉ MÁRIO BRANCO:

Eh Companheiro,  
E agora, Zé Mário?

Dá-me uma ajuda... em que combate descansar esta inquietação? Sem ter que condenar ninguém à vida ou à morte. O Médico das Almas e o Sto. Antoninho continuam a valer-nos? A Marta já está arrumada numa altura destas? A Dairinhas, sempre esteve? E ainda se vai à Bósnia nos 1,2,3 do era uma vez, embora a História já seja outra? Onde é que foi parar a Mãe Coragem? Já estamos na outra margem (De certa maneira)? Correspondermo-nos com quem, na era da Internet? O F.M.I. acabou? A noite acabou? O dia não veio. Gritar já não é. E agora?

Agora parece que estamos na pior crise de todas: Os valores estão no desemprego. Ninguém lhes dá trabalho, não é, amigo? E o tempo arrefece que é uma coisa estúpida, face a tanta fantástica tecnologia! O inimigo pulverizou-se em pequenos nadas, diminuendos e diários... os liros e os lós são todos iguais, todos diferentes. Será que é no território da nossa própria domesticidade e segurança, no fundo de cada um de nós, que temos que encontrar o novo médico das almas engajadas, as novas armas? Que armas são as cantigas num tempo que apela mais do que nunca ao pacifismo, à tolerância? Matança Étnica ou Suicídio? Desemprego ou Sida? Analfabetismo ou Droga? Falta de Habilitação ou Poluição? Poetas malditos ou benditos? Faces da mesma moeda? Sentidos Únicos? Nenhum sentido? Que cantiga de trabalho? Uma vez que tudo se perdeu, que cantiga de alevantar que não nos aprisione numa mão cheia de culpas ou de acusações?

O que andaste para aqui chegar... As distâncias têm de facto pouco a ver com as latitudes, as longitudes, as idades.

Cada dia podem ser cem, não é? Ai agora, quando eu for grande...

Disse um dia alguém que a poesia é feita da matéria de que são feitos os homens...

Matéria de homem igual a matéria de poema. A qualidade, em suma!

Agora estás mais livre para demonstrar que assim é. Qual é a tua. Ser mais solidário assim. Não? É mais difícil? O melhor é ir estando pelo trabalho que os outros vão tentando fazer e que nunca seria o que é sem ti? Fortalecer os sonhos comuns?

Mas fortalecer os sonhos individuais também exige sindicato. O quê? Ainda não te sindicalizaste? Faz lá isso. Luta por dares aos teus sonhos melhores salários, melhores regalias, se for necessário, incita-os à greve... mas não por muito tempo, tá?

Sobretudo não os deixes por aí, neste tempo ainda frio, a dormir pelos bancos, envoltos em papel de jornal...

E agora?

Faz lá um disco novo! Temos saudades dos teus discos que hão-de vir!

Saudações evolucionárias.

Amélia Muge

P.S. - Continuas a achar que ninguém chama Lisboa pelo seu verdadeiro nome?

## À MARGEM DE CERTA MANEIRA

Quem nos condenou a vivermos à margem de nós mesmos? O tempo passa e leva-nos, trazendo o futuro como presente da História.

E lá vamos, à deriva, multidão estupefacta, surda e cega, em sua casa visita, vergada ao peso da memória que lhe disseram ser sua, solto das mãos o fio que a guiava no labirinto em que se tornou.

Estranha a si própria e tão consigo.

Virada para a frente, na parte de trás do mundo para que sempre esteve de costas voltadas. Indiferente ao quanto se ama.

Tanta fadiga para uma tão lenta libertação!  
(preço de a ter mais sonhado que merecido).

Aceitando a contagem dos dias, horas e minutos que faltam para chegar à ciência, deixa esmaecer a cultura, vendendo, em desfiles e paradas, a arte que não é sua.

Rarefeita a Poesia, ficou-lhe a Língua,  
pouca Música, e talvez Cantores.

Dos quais, buscando a consciência, sobra esta Voz.

José Trindade Santos



**José Mário Branco**  
**Carlos Bica** - Contrabaixo  
**João Pires** - Violoncelo  
**José Peixoto** - Guitarra  
**Rui Júnior** - Percussão  
**Tetvocal** - Vozes

#### **DÉSENHO**

José Rodrigues

#### **COLABORADORES**

Adriano Joaquim da Silva  
Farmácia Pestana  
J. Paulo Ferreira  
Alcino S. Lopes (Electrodomésticos)  
TRIEME - Gab. E. C. e Indústria, Lda.  
Laurentino Ferreira  
José António Alves  
António Freitas Cruz  
Valdemar Castro Chaves  
Francisco F. Andrade  
Bernardino Coimbra  
Bernardino Leite  
Joaquim de Lima M. Vaz  
Manuel Ferreira Costa (Projectos)  
Laurentino Pereira  
Manuel Duarte Pereira Vale  
José Ferreira Novais  
Manuel Moreira Borges  
Café Restaurante Areal  
POLIXA - Soc. Polidores de Gaia, Lda

#### **AGRADECIMENTOS**

Câmara Municipal Gaia  
Junta Freguesia de Gulpilhares  
Fórum C. de Gulpilhares  
Coral C. S. P. de Gulpilhares  
Ass. Artistas de Gaia  
José Rodrigues  
Humberto Nelson  
Amélia Muge  
José Trindade Santos  
Manuela de Freitas  
Nuno Pacheco  
António Jorge Branco  
Mário Correia  
Maria do Céu Guerra  
J. Resende - Formulários, Lda.  
S. Miguel - Artes Gráficas  
José Vale  
José Andrade Silva  
Esc. Sec. António Sérgio  
Porto Sandeman  
Joana Coimbra Lavado  
Diana Ferreira  
Fátima Abreu  
Manuela Barbedo  
Hotel Mirassol  
Restaurante Zizi  
Vachier & Associados (Paulo Salgado)

**Gulpilhares - Gaia - 1997**  
**7 Junho - 21h 45**

